

Elba Ramalho e Fagner homenageiam Luiz Gonzaga com o álbum *Festa*, que reúne 12 faixas do cantor pernambucano

» IRLAM ROCHA LIMA

Elba Ramalho e Raimundo Fagner gravaram discos e dividiram o palco com Luiz Gonzaga, a quem sempre tiveram como uma das principais referências. Artistas da mesma geração e de muitas afinidades, a cantora paraibana e o cantor e compositor cearense, em 50 anos de carreira, nunca haviam se juntado em algum trabalho. Esse encontro, porém, ocorreu, recentemente, quando os dois se reuniram num projeto em que prestam tributo ao eterno rei do baião.

Acaba de chegar às plataformas digitais o álbum *Festa*, com o qual Elba e Fagner além de reverenciar Gonzagão, celebram a decisão do Iphan de declarar o forró como patrimônio imaterial do país. Com direção artística do multi-instrumentista Zé

Américo, profundo conhecedor do universo musical nordestino, o disco de 12 faixas traz composições que ganharam registro na voz do homenageado — embora nem todas sejam de autoria dele. O álbum marca também o lançamento do selo Bonus Track, braço fonográfico da empresa de entretenimento comandada pelo empresário Luiz Oscar Niemeyer.

Quando Elba surgiu artisticamente, no começo dos anos 1970, como participante do espetáculo *A feira*, protagonizado pelo grupo pernambucano Quinteto Violado, o repertório de Gonzaga já lhe era familiar. Fagner, que se projetou nacionalmente, no início da mesma década, após vencer um festival em Brasília, tomou conhecimento da obra do autor de *Asa Branca*, ainda na infância,

em Fortaleza. Já com a carreira consolidada, ambos se aproximaram do artista que se tornou símbolo da música do Nordeste.

O cantor, nascido em Orós, no interior do Ceará, gravou LPs com Luiz Gonzaga em 1984 e 1988 e fez alguns shows com o ídolo; enquanto a cantora originária de Campina Grande lançou os CDs *Elba canta Luiz* (2002) e *Cordas, Gonzaga e Afins* (2015). O fato de eles terem conhecimento do vasto acervo do mestre, em vez de facilitar a seleção das 13 canções que deram formato ao *Festa*, acabou sendo algo difícil. Por isso, precisaram contar com o auxílio de Zé Américo.

Para compor o repertório foram escolhidos clássicos como *Danado de bom* (Luiz Gonzaga e João Silva), *Estrada de Canindé* (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira), *Vem*

morena (Luiz Gonzaga e Zé Dantas), *O cheiro da Carolina* (Luiz Gonzaga e Amorim Roxo) e *Baião da Penha* (Guio de Moraes e David Nasser). Mas há também composições menos conhecidas — mesmo sendo importantes — entre as quais *Forró nº 1* (Cecéu), *Sanfona sentida* (Dominguinhos e Anastácia), *Facilita* (Luiz Ramalho) e a faixa que dá título ao disco, composta por Gonzaguinha.

Gravado nos estúdios Luni Áudio (Recife) e *Gigante de Pedra* (Rio de Janeiro), o álbum foi masterizado no Zap Studio, contou com a participação de músicos como Zé Américo (teclados e arranjos), Mes-trinho (acordeon), Tostão Queiroga (bateria), Marcelo Martins (flauta, piccolo e pife), Fernando Fofão (baixo), Zapa Souza (guitarra) e Durval (percussão).



FESTA

Álbum com Elba Ramalho e Fagner com 12 faixas. Lançamento do selo Bonus Trac nas plataformas digitais.

Rei da música nordestina



Elba Ramalho e Fagner: a música de Luiz Gonzaga é uma permanente fonte de inspiração para eles

ENTREVISTA / Elba Ramalho

Embora sejam artistas nordestinos da mesma geração, por que só agora se juntaram num trabalho?

Somos nordestinos, somos da mesma geração e somos amigos. Há mais de 10 anos estamos planejando este projeto, a vontade é antiga, mas as agendas não batiam.

Tudo tem seu tempo certo. Tem o tempo de plantar e o tempo de colher. Chegou o nosso tempo, e creio que veio em boa hora, pois tivemos a feliz coincidência de gravar o álbum no ano em que o forró se tornou Patrimônio Imaterial.

O que os levou a gravar esse disco?

Um desejo antigo de prestar uma homenagem ao nosso mestre Gonzagão. Sempre que eu e Fagner nos encontramos, conversávamos sobre Gonzaga, sobre como a nossa trajetória se cruzou em tantos momentos. Realmente queríamos cantar juntos, que fosse a obra de Luiz Gonzaga, que já recebeu a minha homenagem e a da Fagner em discos individuais. Zé Américo, o produtor musical e maestro, chegou com uma proposta de cronograma e começamos a cantar e a gravar.

Para você, que importância tem a realização desse projeto com o cantor e compositor cearense?

Estou vivendo um momento em que me permito escolher os projetos em função da amizade e do sentimento. Fagner tem o seu nome eternizado na história da MPB, é uma honra para mim participar do projeto com ele.

A obra de Luiz Gonzaga é algo que os une. Isso foi o que determinou a homenagem prestada a ele?

Definitivamente. Luiz Gonzaga é a semente, é o esteio, é a fundação. Uma fonte pura de onde eu bebo até hoje. Na verdade, foi Gonzaga que solidificou o baião e o forró, eu me coloco numa posição de colaboradora, que aprimorei o seu trabalho trazendo novos elementos, mas o meu DNA é o mesmo de Gonzaga. Quanto mais regional, mais universal.

Como é vasta a obra de Gonzagão, houve dificuldade para a escolha das músicas?

Foi muito difícil, chegou um ponto que eu deixei Zé Américo definindo as

canções por questões técnicas também. Pois tínhamos que harmonizar os timbres de voz, tive que me esforçar para cantar nos tons de Fagner, mas foi um desafio prazeroso. Se dependesse só de mim, estaria gravando até agora. A obra de Luiz Gonzaga é primorosa.

Foi uma decisão dos dois juntar no repertório clássicos e canções menos conhecidas?

Sim, eu, Fagner e Zé Américo conversamos muito, e não foi fácil fazer esta seleção. Poderíamos ter escolhido só os sucessos, as mais populares. Ou apenas os “lado B” de Gonzaga, no final; buscamos um equilíbrio.

Houve algum tipo de dificuldade na hora de juntar as vozes nos duos?

Uma dificuldade normal quando temos um homem e uma mulher cantando juntos. É difícil encontrar um tom intermediário que seja perfeito para os dois. O maestro Zé Américo já trabalhou comigo em vários discos, assim como nos

discos de Fagner. Ele buscou o equilíbrio e tons, mesmo que masculinos, onde minha voz pudesse harmonizar melhor com a voz de Fagner.

Já anunciada, quando tem início a turnê do *Festa*?

Não sei ao certo. Mas espero que seja breve. A receptividade do trabalho foi muito boa, o show vai ser realmente uma grande festa.

Brasília, onde você e Fagner sempre fizeram shows, está no roteiro do tributo ao Rei do Baião?

Com certeza, Brasília estará na nossa turnê.

Além dessa turnê, que outros projetos tem para 2022?

Também estou fazendo um projeto lindo com o Padre Fábio de Melo e a orquestra Villa Lobos.

Ainda não decidi qual será o meu disco de carreira para o ano que vem, felizmente, tenho bons projetos em vista.